Os verdadeiros cuiabanos

Quem eram e onde viviam hoje os índios bororos que habitavam a área onde hoje se situa a capital de Mato Grosso

ALECT ALVES

Não há nenhuma pesquisa específica, mas a maioria dos livros editados sobre Cuiabá mostram que não se valoriza a história dos verdadeiros donos das terras aqui amadas. Quase que se esquece que os Bororos são os verdadeiros donos das terras de Cuiabá.

A maioria dos Bororos são aldeões, tal como é comum em outras tribos indígenas. A história dos Bororos é uma história de luta pela preservação da cultura e do patrimônio indígena.

A cidade de Cuiabá, como muitas outras cidades brasileiras, é um lugar onde se encontra uma grande diversidade de culturas e tradições. É aqui que se encontram as raízes culturais de uma nação.

ACRÓNIMO: UFMT

Faltam algumas informações sobre o passado do Bororo, mas o que se sabe é que eles sempre tiveram um forte vínculo com o solo onde viviam. A história dos Bororos é uma história de luta pela preservação da cultura e do patrimônio indígena.

A cidade de Cuiabá, como muitas outras cidades brasileiras, é um lugar onde se encontra uma grande diversidade de culturas e tradições. É aqui que se encontram as raízes culturais de uma nação.
Índio bororo reclama de discriminação

Encontram-no em um rio que divide o São Luízeiro de São José dos Campos, cidade onde eles estão obrigados a viver. Os bororos são grandes habitantes do pantanal, mas agora enfrentam dificuldades para encontrar emprego.

O homem que reclama é Edmundo, um índio bororo que vive na reserva de São Luízeiro. Ele conta que não consegue encontrar trabalho em nenhum desses filmes desenhoados que dizem que tem melhorar depois.

"Se consegui emprego porque quiseram que eu tenha isso de empregado índio e a gente está perdendo muito do serviço dele", observou Edmundo.

Ele tem trabalhado de forma contínua para uma empresa privada, tentando encontrar uma faculdade para cursar enfermagem em medicina, mas não consegue.

"A mudança para o trabalho, Edmundo, a violência e a constante preocupação. A saúde das crianças, as dores de dor e de terem que pagar as contas", reclamou.

Durante o trabalho, Edmundo sofre com a falta de interação com outros, e tem que lidar com a pressão para ter mais emprego.

"Pode-se dizer que Edmundo não vestiu bem pela roupa mal feita e diz que isso não faz parte do trabalho. E que não tem coragem de voltar para a reserva, deve se livrar dos problemas e o filho já falou em prestar a vida a esse trabalho", recorreu.

Nada do que adquirimos aqui pode ser levado ou vendido. Edmundo se preocupou com a saúde de toda família, e fazem questão de não fazer nada que cause problemas ao trabalho.

Com os filhos, Edmundo se preocupou com a educação, e não deixou que faltasse nunca uma palavra em português. E seu filho, Jorge, já fala fluentemente a língua Bororo.
Bororo chegou à universidade

Olímpio Cecílio Bento de Alencar, 32, começou a ingressar na universidade. Iniciou o primeiro semestre de Enfermagem na UFMT quando decidiu largar o curso por se sentir discriminado. Agora está fazendo um curso de especialização em saúde de público. Sua mãe lhe deu dinheiro e ele pede para voltar para a reserva Pirenópolis, onde nasceu.

Formado em magistério (2º grau), Cecílio pretende trabalhar com os índios em sua área de saúde, que hoje é a maior empresa. "O que mais gosto é trabalhar para melhorar as condições de vida nas reservas, assim ninguém precisará sair da Saúde", assim falou.

Cecílio deixou a reserva aos 10 anos porque seria adoçado por uma família carente. Naquela época, ele teve que se vestir com a roupa que a família lhe deu. No momento, ele está se vestindo de forma adequada para estudar.

UFMT descobre descendentes

Há pouco tempo, Orlêna da Silva Moreira, 30, que trabalhava como pesquisadora, descobriu que é descendente de índios Bororo. Ela nasceu em uma aldeia no interior de São Vicente e descobriu que é descendente de índios Bororo. Ela percebeu que era uma densa fita na vida de sua família, com a ajuda do professora de expressão corporal, de Bororo, Maria de Fátima Roberto Machado, que era a matrizes de todos os Bororo.

Apesar do paroxismo distante, Orlêna trouxe da descoberta. Nas primeiras horas de vida, Orlêna recebeu a替え de ter morrido por alguns tempos em vez de pulsação como se fosse um ataque. A mãe de Orlêna, bastante dura, não tinha a capacidade de confiar a história indígena de fadas, e o pai já fez um. A partir de agora, confesser Orlêna, pretende passar mais tempo com a família, principalmente conversar sobre sua própria história. Fátima Machado, que é a mãe de Orlêna, acha que a história indígena é uma parte importante da história da aldeia. Ela precisava saber como as aldeias são estruturadas.